

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS ATINENTES AO FENÔMENO DA PREFIXAÇÃO NA PRIMEIRA FASE DO PORTUGUÊS ARCAICO (SÉCULOS XII-XIV)

Mailson dos Santos LOPES<sup>1</sup>; Juliana Soledade Barbosa COELHO<sup>2</sup>  
(Universidade Federal da Bahia)

**Resumo:** *A partir de uma observação da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV), assentada sobre um corpus textual heterogêneo constituído por 92 documentos remanescentes desse período, apresentam-se nesse artigo algumas notas descritivas sobre o paradigma prefixal da língua portuguesa em sua primeira sincronia arcaica, incluindo algumas considerações sobre a produtividade e vitalidade de tais partículas mórficas, bem como sobre a sua natureza semântica.*

**Palavras-chave:** *Carga Semântica, Morfologia Histórica, Paradigma Prefixal, Produtividade, Vitalidade.*

## INTRODUÇÃO

*[...] um estudo sistemático dos processos derivacionais no período arcaico espera um autor. (MATTOS E SILVA, 1993: 20).*

No âmbito das investigações linguísticas de cunho histórico-diacrônico atinentes à morfologia, são escassas as pesquisas que incidem sobre os itens prefixais, sua estruturação genolexical e paradigmática, sua produtividade e sua natureza semântica. O estado da questão prefixal no âmbito dos primórdios do vernáculo ainda se encontra inconcluso, principalmente quando se pensa que até o momento não havia sequer uma proposta de descrição (baseada em dados empíricos) do paradigma prefixal do português para esse período histórico e tampouco uma análise linguística geral que lograsse considerar com a devida apuração as multifacetadas características, peculiaridades e funções que perpassam esses constituintes mórficos, que se circunscrevem em um “[...] espaço de confluência e de interatividade, no qual se identificam diferentes níveis de organização e se reconhece a interação de diferentes secções e dimensões da língua.” (RIO-TORTO, 1998: 81).

O estudo cuja síntese ora apresentamos visa a fornecer alguma contribuição para o preenchimento dessa lacuna, ao abordar o fenômeno da prefixação em registros escritos remanescentes da produção primitiva em português (séculos XII, XIII e XIV). Trata-se de um recorte de uma pesquisa em nível de mestrado, de teor descritivo-interpretativo, cujo escopo precípua foi o rastreamento do paradigma prefixal do português em sua primeira sincronia medieval, debruçando-se sobre um extenso *corpus* textual desse período (92 documentos, jurídico-notariais, hagiográficos ou literários). Dela resultou uma análise semântico-morfolexical-etimológica de 32 elementos afixais da margem esquerda, incidentes em 526 bases léxicas distintas, identificados em 1.936 vocábulos complexos (excluídas as repetições e flexões).

---

<sup>1</sup>Mestre em Linguística Histórica pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA). Professor de Língua Espanhola das Redes Estadual e Municipal de Ensino (Salvador/BA). E-mail: [mailsonlopes1@yahoo.com.br](mailto:mailsonlopes1@yahoo.com.br).

<sup>2</sup>Doutor em Linguística Histórica pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Adjunto da mesma instituição e Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC/UFBA). E-mail: [julisoledade@gmail.com](mailto:julisoledade@gmail.com).

As investigações no âmbito do português arcaico possibilitam a constituição de um diálogo eficiente, em que se torna viável “[...] articular fatos e dados do passado e do presente para construir uma compreensão histórica da língua que usamos.” (MATTOS E SILVA, 2006: 249). É sob esse prisma que delineamos e lançamos um olhar reflexivo sobre a constituição e funcionamento do paradigma prefixal da língua portuguesa entre os séculos XII e XIV, correspondendo à expectativa de estudiosos de renome no âmbito dos estudos morfológicos, tal como Basílio (2009: 06), na citação abaixo:

*[...] considero bem-vinda a maior atenção que se tem dado à prefixação, já que trabalhos anteriores [...] se fixaram quase exclusivamente na sufixação, por causa da relevância gramatical da mudança de classe. É altamente positiva, ainda, a investigação de fenômenos morfológicos em análises que utilizam corpora considerados médios ou grandes, utilizando ferramentas computacionais. Finalmente, começam a despontar estudos morfológicos de cunho histórico.*

Pautando-nos numa visão científica de que a compreensão de fatos linguísticos pretéritos pode clarear o traçado dos usos da língua em estados hodiernos, torna-se evidente para nós que não devemos ignorar os aspectos históricos na análise morfolexical, visto que oferecem dados valiosos para o esclarecimento de eventos linguísticos questionáveis ou dubitativos, tal como preceitua Rio-Torto (1998: 18), assegurando que:

*a análise e a morfologia das palavras não pode ignorar as vicissitudes da gênese e da história destes. Assim sendo, é natural que nem todas as palavras possam caber nas malhas apertadas de uma análise meramente sincrônica.*

O lastro teórico que permeou o desenvolvimento de nossas reflexões, imbricando-se numa conjectura de associação entre descritividade e reflexão teórica para se depreender a caracterização mórfica, a produtividade, a vitalidade e as relações de sentido surgidas dos prefixos, possui uma natureza heterogênea, no sentido dado por Mattos e Silva (2008: 28-29), de que “[...] para a interpretação de factos linguísticos do passado e em um estudo geral sobre o português arcaico, devem-se conjugar teorias e métodos conviventes na linguística contemporânea, a depender do facto sob análise e da bibliografia disponível a ele referente”. O postulado desta eminente linguista corrobora, assim, a necessidade de se recorrer a vários domínios de estudo da linguagem a fim de se poder ter em mãos ferramentas de observação e análise linguísticas que possibilitem uma apuração minuciosa, cuidada e científica da prefixação no português, em sua primeira fase medieval.

Nosso plano de investigação histórico-descritivo sobre a prefixação, ao realizar a descrição morfológica, semântica e funcional dos prefixos em português — depreendidos através de dados empíricos analisados sistematicamente —, propenderá a fornecer contribuições para o preenchimento de uma lacuna que já era apontada em 1911-1912 por Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1911-1912: 45), quando alegou que: “A História da sufixação, prefixação e composição portuguesa está por escrever.” e também procura corresponder ao anseio de nossa saudosa mestra Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008: 313), quando se queixava do fato de “[...] não existir um estudo geral sobre a prefixação no português arcaico [...]”. Foi, pois, com o intuito de construir um trabalho relevante no âmbito das investigações morfológicas e tendo um *modus operandi* rigorosamente traçado, que nos lançamos a abordar criteriosamente aspectos da história da prefixação na fase primeva da escrita em português.

## Algumas considerações gerais atinentes ao fenômeno da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV)

Tomamos como premissa epistemológica fundamental a constatação de que a descrição histórico da prefixação, alicerçada nos primórdios da expressão escrita em português, além de oferecer dados importantes para o estudo diacrônico da língua, poderá prestar-se ao esclarecimento de fenômenos morfológicos tidos como intrincados quando observados sob um prisma analítico exclusivamente sincrônico e ahistórico.

### 1. O PARADIGMA PREFIXAL DA PRIMEIRA FASE DO PORTUGUÊS ARCAICO

Para a demarcação do paradigma prefixal da primeira fase do português arcaico (PA), pautamo-nos nos dados extraídos do *corpus* textual constituído para esta investigação. Além disso, seguimos o modelo adotado por Coelho (2004) em sua tese de doutoramento, tomando como fundamento também a ideia de paradigma derivacional estabelecida por Rio-Torto (2005: 220):

*Um paradigma derivacional integra os recursos e os processos morfo-lexicais que desempenham uma mesma função derivacional, ou seja, os afixos e as operações que asseguram uma mesma relação semântico-derivacional (aos níveis léxico-conceptual e categorial) entre base e produto. Cada paradigma genolexical define-se por uma dada identidade semântico-categorial, e tem ao seu serviço um conjunto de recursos derivacionais entre os quais avultam os afixos.*

Os prefixos propriamente ditos (ou prefixos autênticos) encontrados nos dados foram 25 ao todo, muitos dos quais apresentando diversas ramificações alomórficas e/ou alográficas. São eles, em ordem alfabética: *a-*<sub>1</sub>, *abs-*, *al-*<sub>2</sub>, *an-*<sub>1</sub>, *ante-*, *apo-*, *arce-*, *circũ-*, *com-*, *de-*<sub>1</sub>, *des-*<sub>2</sub>, *en-*<sub>2</sub>, *entre-*, *es-*<sub>2</sub>, *in-*<sub>2</sub>, *ob-*, *per-*<sub>1</sub>, *pos-*, *pre-*<sub>2</sub>, *pro-*, *re-*, *sobre-*, *sub-*, *tra-*<sub>1</sub> e *tra-*<sub>2</sub>.

No *corpus*, classificamos como prefixoides quatro formantes afixais: *bem-*, *contra-*<sub>1</sub>, *mal-*<sub>1</sub> e *nõ-* (este último com três ocorrências, todas no século XIV: *nõ digno*<sup>3</sup>, *nõ mortal*<sup>4</sup>, *nõ mouil*<sup>5</sup>). Na primeira sincronia do português arcaico, esses itens apresentam menor rentabilidade (se agregam a poucas bases lexicais e não constituem, em geral, famílias léxicas ou paradigmas derivacionais), ao contrário do que ocorre com boa parte dos prefixos propriamente ditos. Além disso, como se percebe, possuem uma carga semântica inequivocadamente lexical e bem mais expressiva que os prefixos autênticos, funcionando também como formas dependentes ou livres na língua, o que confirma o seu *status* de formantes menos gramaticalizados.

No último dos três grupos que concebemos encontram-se as partículas afixais de margem esquerda que, em operações genolexicais registradas no *corpus*, assumem o papel de verdadeiros MLBs, ou seja, de bases léxicas ou radicais. Nesses casos, o prefixo assume a carga semântica principal do produto (o que corrobora o seu *status* como *prefixo-base*), não podendo ser caracterizado, portanto, como um morfema lexical subsidiário, termo aplicável aos prefixos propriamente ditos e aos prefixoides. São 06 os elementos que se comportam dessa forma: *contra-*<sub>2</sub>, *entr-*<sub>1</sub>, *entr-*<sub>2</sub>, *estr-*, *infer-*, *mal-*<sub>2</sub>, sendo os três últimos dotados de variantes morfofonológicas ou gráficas. Cabe apontar que esse terceiro tipo de prefixo é raro no *corpus*, geralmente cada um

<sup>3</sup>Atestado no manuscrito *Vida de Santos de um Manuscrito Alcobacense*.

<sup>4</sup>Atestado no *Flos Sanctorum*.

<sup>5</sup>Atestado no *Foro Real*.

desses elementos figurando em um só produto derivacional (vocábulo *contrário*; *entrar* ou seu deverbal *entrada* (e flexões); *entranhas*; *estranho* (ou flexões); *inferno* ou de seu produto deadjetival *infernais*; e *mal*-<sub>2</sub>, por fim, apenas configurando como base em *maldade* ou flexões).

Do abrangente quadro empírico que perscrutamos, resulta a constatação de que os prefixos no português arcaico, assim como no latim, operam derivações isocategoriais, privilegiando a classe verbal. Na maioria dos casos em que a classe-fonte é um verbo e a ocorrência é um nome, a transcategorização se dá pela adição de afixos à direita da base (sufixos), não tendo os prefixos, em geral, a capacidade de atuar como determinantes categoriais das relações morfossintáticas.

Também é notável que semanticamente se tratem de unidades polissêmicas, o que reforça a ideia de que seriam morfemas lexicais subsidiários, uma vez que quanto mais afeitas ao léxico, maior a capacidade de abrangência e relevância semântica das unidades linguísticas (BYBEE, 1985).

A respeito do paradigma prefixal da primeira sincronia arcaica do português, cabe sinalizar que, embora tenhamos verificado um conjunto numericamente significativo de prefixos nessa sincronia, se comparado ao quadro atual dos elementos afixais da margem esquerda disponíveis para o falante da língua portuguesa, deve-se considerar uma série de ausências e/ou lacunas. Não se verificou a ocorrência de alguns prefixos (mais ou menos) produtivos hodiernamente, como por exemplo, *epi-*, *hemi-*, *hiper-*, *hipo-*, *justa-*, *mega-*, *meta-*, *multi-*, *para-*, *peri-*, *poli-*, *proto-*, *sem-*, *semi-*, *sin-*, *ultra-*, *vice-*, entre outros. E, por fim, se se considera os elementos prefixais que figuraram em formações vernáculas no período em estudo, esse número será ainda mais reduzido, haja vista que a maioria das partículas prefixais identificadas no *corpus* atuou em derivações realizadas na língua latina, cabendo a apenas alguns prefixos a participação nas operações genolexicais estritamente portuguesas entre os séculos XII e XIV, a saber: *a<sub>1</sub>-* (63 formações no PA), *ante-* (02 formações no PA), *com-* (04 formações no PA), *de<sub>1</sub>-* (08 formações no PA), *des-* (35 formações no PA), *en-* (32 formações no PA), *entre-* (02 formações no PA), *es-* (04 formações no PA), *per-* (02 formações no PA), *re-* (06 formações no PA), *sobre-* (01 formação no PA), *sub-* (02 formações no PA) e *tra<sub>1</sub>-* (02 formações no PA). Para os demais prefixos, encontramos apenas formações no latim, no grego ou em alguma outra língua românica. Abaixo reproduzimos um gráfico geral que aponta a participação de cada prefixo detectado no *corpus* documental que coligimos (ao lado de cada partícula prefixal, entre parêntesis, indicamos o respectivo número de ocorrências), sintetizando esquematicamente o paradigma prefixal da primeira fase do português arcaico:

**Algumas considerações gerais atinentes ao fenômeno da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV)**

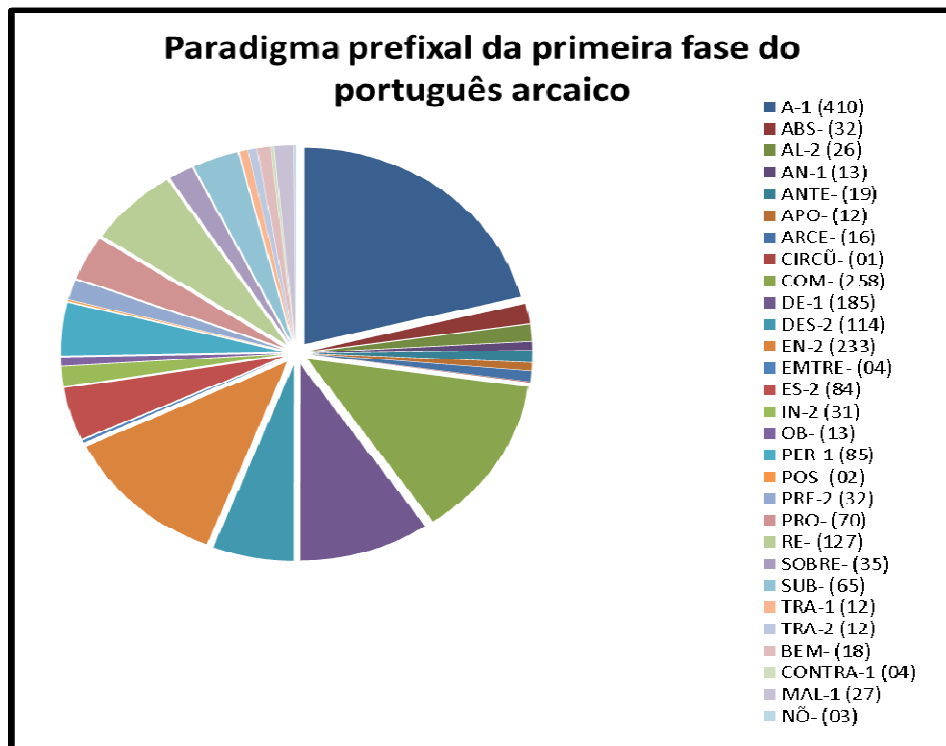


Gráfico 01. Paradigma prefixal da primeira fase do português arcaico.

A observação da totalidade dos produtos morfolexicais presentes nos dados investigados, quer constituídos via esquemas construcionais efetuados na língua latina, no vernáculo português ou em outros sistemas linguísticos, licencia-nos a construção do gráfico seguinte, no qual apontamos em níveis percentuais a participação dos fenômenos prefixais na geração de lexias registradas na primeira sincronia do português arcaico:

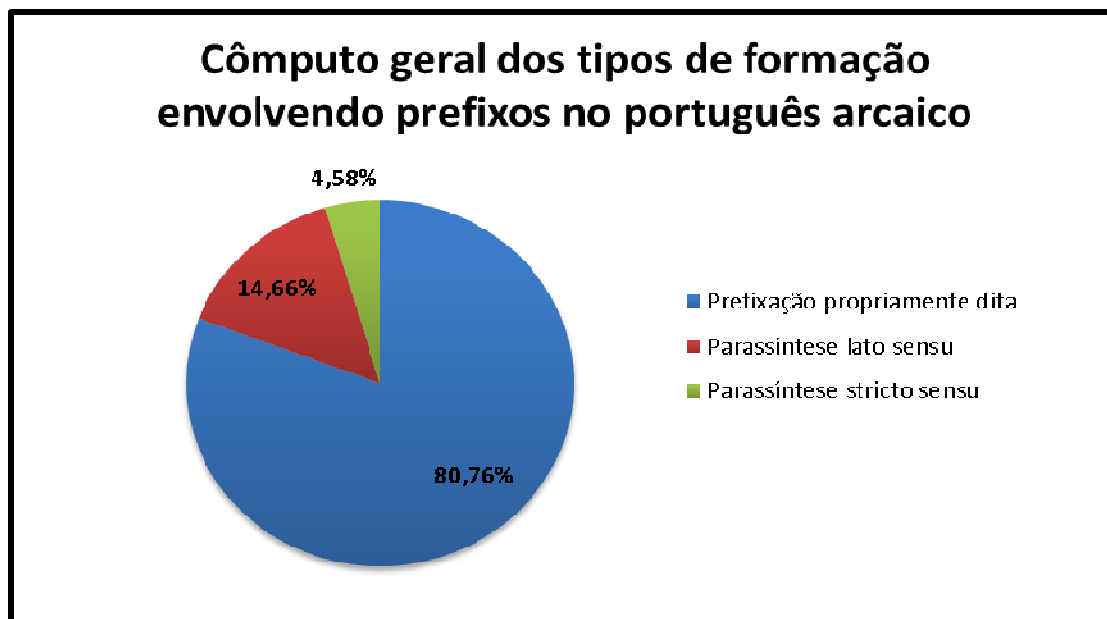


Gráfico 02. Cômputo geral dos tipos de formação envolvendo prefixos no português arcaico.

A respeito das operações morfolexicais em que atuaram os prefixos nos nossos dados, é oportuno destacar, ao menos panoramicamente, o seu comportamento na matriz lexical latina e no português arcaico.

No latim, a prefixação propriamente dita foi a operação morfológica mais expressiva, apresentando-se em 291 formações (89,53%), seguida, de longe, pela parassíntese *latu sensu*, com 27 formações (8,31%). Já a parassíntese *strictu sensu* apresentou-se como um processo ainda menos produtivo, segundo os nossos dados, pois figurou em apenas 07 formações (2,16%).<sup>6</sup>

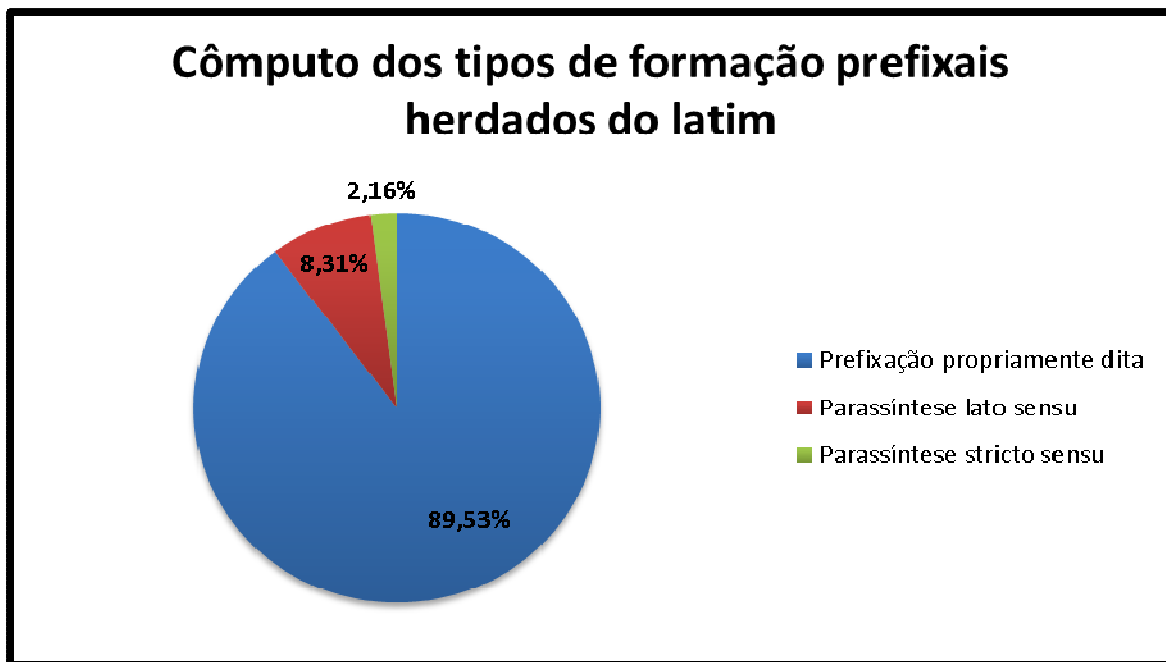


Gráfico 03. Cômputo geral dos tipos de formação prefixais herdados do latim.

Formações operadas na língua grega contabilizaram apenas 07 ocorrências, todas por prefixação. Verificamos ainda 05 formações por prefixação tomadas de empréstimo de línguas novilatinas: 04 do francês e 01 do castelhano.

<sup>6</sup>Estudos sobre derivação parassintética que consultamos, sejam de base descritivista (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA & ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2009; PENA, 2000; RIOTORTO, 1994), sejam de orientação cognitivista (CASTRO DA SILVA, 2011; 2010), em geral não delineam uma distinção explícita entre formações como *entristecer* e *encarcerar*, ou seja, as pautas derivativas *en-X-ec-e-r* e *en-X-a-r* são consideradas como um mesmo processo de constituição de formas verbais, sendo ambas alocadas no rol da parassíntese (ou circunfixação), sem haver nenhuma distinção construcional entre elas. Não adotamos esse posicionamento. A nosso ver, pelo contrário, tratam-se de duas faces diferentes de um mesmo fenômeno: a parassíntese. Denominamos de parassíntese *stricto sensu* o processo morfológico de formação de palavras em cuja estruturação atuam, concomitantemente, um prefixo e um sufixo, gerando — sobretudo a partir de bases substantivas ou adjetivas — produtos verbais. Seria o caso das formas *amadurecer*, *aterrorizar*, *enlouquecer*, *esclarecer* etc. Ao lado dessas formas parassintéticas em sentido estrito, há aquelas em que, não há concurso de sufixos, mas apenas a presença de um prefixo, da base léxica e de morfemas verbais, ocasionando uma espécie de parassíntese em sentido lato. Seria o caso de *amassar*, *associar*, *avistar*, *despedaçar*, *entortar*, *enviuvar*, *esverdear* etc. O que aqui neste estudo denominamos de parassíntese *latu sensu*, é denominado por Fábregas, Gil e Varela (2011) de *construcción parasintética encubierta* (correspondente, em português, a algo como *construção parassintética oculta*, ou *não-manifesta*).

### Algumas considerações gerais atinentes ao fenômeno da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV)

Nas derivações prefixais em vernáculo português, também o processo mais atuante foi a prefixação propriamente dita, com 133 formações (66,5%), seguida da parassíntese *latu sensu*, com 50 formações (25%), tendo a parassíntese *strictu sensu* um papel ainda menos abrangente na formação de novos itens vocabulares no português arcaico, com apenas 17 formações (8,5%).

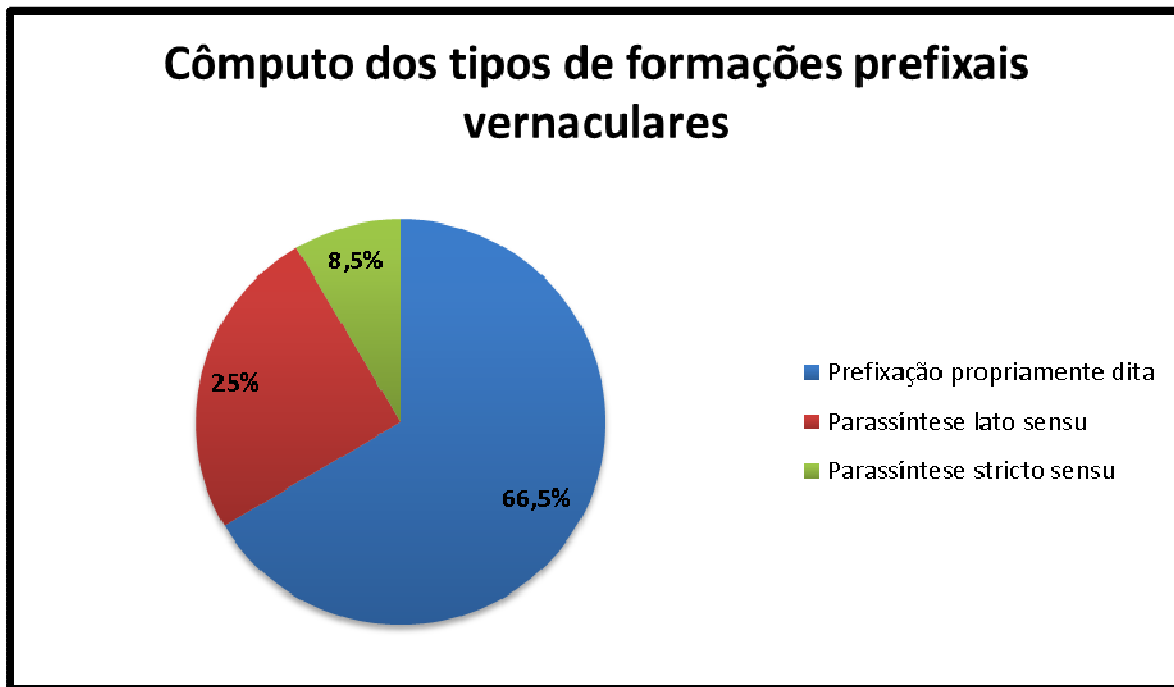


Gráfico 04. Cômputo geral dos tipos de formação estritamente vernaculares no português arcaico.

## 2. PRODUTIVIDADE E VITALIDADE DOS PREFIXOS NA PRIMEIRA FASE DO PORTUGUÊS ARCAICO

É perceptível a existência de dois planos contíguos, mas distintos, referentes ao comportamento genolexical de um morfema: (i) a sua *capacidade produtora*, ou seja, a sua atuação na formação de novos vocábulos em um dado recorte sincrônico analisado; (ii) a sua *capacidade produtiva*, que se relaciona ao cômputo de lexias formadas pelo item mórfico que subsistem na sincronia estudada, mas que foram produzidas em estágios anteriores da história da língua, permanecendo disponíveis em seu depósito lexical. Como é possível perceber, essa distinção é apropriada, dada à situação de convivência sincrônica de vocábulos neológicos e vocábulos herdados, que fazem parte do acervo lexical da língua, mas já vieram formados de sincronias pretéritas.

Para os fenômenos descritos em (i) e em (ii), Viaro (2012) utiliza os termos *produtividade* e *prolifidade*, respectivamente. Preferimos, contudo, utilizar aqui a terminologia cunhada por Lüdi (1984) e adotada por Coelho (2004), que rotulam o fenômeno exposto em (i) de *vitalidade* e o apontado em (ii) de *produtividade*. Assim, um afixo manifestará *produtividade* quando houver sido aplicado a muitos itens léxicos de uma língua, no decorrer de sua constituição histórica; por outro lado, será dotado de *vitalidade* quando puder ser usado — em dado recorte sincrônico — na formação recorrente de unidades lexicais inéditas.

Os termos vitalidade e produtividade também são utilizados por Borba (2003), mas indistintamente, sendo aplicados tanto à capacidade de gerar novos itens, quanto à capacidade de havê-los gerado no passado. Eis o excerto através do qual inferimos essa situação:

*A produtividade será determinada pela capacidade que tem um afixo de constituir novos itens lexicais a partir dos existentes em circulação. Um prefixo como ob- não tem nenhuma vitalidade porque só figura em palavras herdadas, sentidas pelo falante como se fossem simples. (BORBA, 2003: 81).*

A distinção entre produtividade e vitalidade que adotamos se atrela de forma imediata ao que Rosa & Villalva (1988) apontam como a diferenciação entre palavras possíveis e palavras existentes. Em outras palavras, a vitalidade se identifica com o número de palavras que uma regra permite formar, e a produtividade a aquela que essa mesma regra efetivamente formou até dado momento da história do idioma. O primeiro fenômeno apontaria para o presente e futuro da língua; o segundo, para o seu passado (VIARO, 2012). Com Rosa & Villalva (1988), pensamos que esses dois fatos de língua não são certamente coincidentes, mas sim, dois mecanismos paradigmogênicos distintos, o que nos faz discordar da indistinção exposta no estudo de Borba (2003). De certa forma, é a vitalidade, associada à frequência de uso, a energia que gera e promove a produtividade no percurso temporal da língua (VIARO, 2012).

Exemplifiquemos a diferenciação entre vitalidade e produtividade. O prefixo *al-*<sub>2</sub> e alomorfes (< artigo árabe *al*) apresentavam robusta vitalidade no período correspondente à ocupação da Península Ibérica pelos árabes (entre os sécs. VIII e XV), atuando na estruturação morfolexical de diversos substantivos (registrados na documentação que perscrutamos), como *açonguy*, *açoutar*, *alacrães*, *alcayde*, *algodon*, *aluaçijís* e *almocoíuar*. Mesmo exibindo uma vitalidade expressiva nesse período recuado da língua, não mais a apresenta para as sincronias hodiernas do português, o que permite afirmar que, de um ponto de observação histórico atual, o prefixo *al-*<sub>2</sub> árabe é produtivo na língua portuguesa, mas não ostenta vitalidade no português contemporâneo, pois não mais atua na formação de novos itens lexicais, não figurando na ativação de nenhum esquema estrutural mórfico.

A situação delineada acima denota que nem sempre itens afixais produtivos são dotados de vitalidade e vice-versa, pois se tratam de mecanismos distintamente observáveis. Contudo, para alguns casos, há convergências. Os prefixos *cis-*, *circu(n)-* e *tra-*<sub>1</sub> (< *trans-*) são, ao mesmo tempo, destituídos de vitalidade e produtividade no léxico geral do português — o primeiro é bem ativo, contudo, no jargão da Química, como aponta Viaro (2012). De igual forma ocorre com sufixos como *-engo* (em *mulherengo*), *-isco* (em *chuvisco*) ou *-eba* (em *decoreba*), que são ao mesmo tempo improdutivos e destituídos de vitalidade em português (VIARO, 2010). O sufixo *-ete* se apresenta como pouco produtivo na história da língua, destituído de vitalidade no português arcaico<sup>7</sup>, mas produtor no português contemporâneo, pois, graças a interferências extralinguísticas<sup>8</sup>, no ano de 2012, foram detectados diversos vocábulos neológicos em que esse afixo atua, como *empreguete*, *patroete*, *professorete*, *alunete*, que tomam como protótipo as formas derivadas *periquete*, também recente, e *chacrete*, de um período mais recuado (década de 80 do

<sup>7</sup>No estudo de Coelho (2004) sobre a sufixação nas duas sincronias do português arcaico (sécs. XIII a XVI), em que se debruçou sobre mais de 4 mil vocábulos, não foi detectada nenhuma ocorrência desse sufixo, o que parece corroborar a afirmação presente em Houaiss & Villar (2009), de que o sufixo *-ete* passa a configurar em vocábulos portugueses a partir do séc. XVI.

<sup>8</sup>Muito possivelmente, engatilhadas pela telenovela *Cheias de Charme*, da Rede Globo de Televisão, em que foi cunhado o termo *empreguete*, do qual surgiram vários outros, como os reproduzidos acima.



## Algumas considerações gerais atinentes ao fenômeno da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV)

século XX). Similarmente ocorre com o prefixo *pos-*, que nos nossos dados só se registra em duas formações (*posfaça* e *prestumeiro*), mas que é bem ativo na contemporaneidade na modificação de formas nominais (*pós-moderno*, *pós-guerra*, *pós-parto*, *pós-graduação* etc.). Ainda assim, nada impede que um mesmo afixo seja ao mesmo tempo produtivo e dotado de vitalidade, como é o caso do *a-*<sub>1</sub> ou do *des-*<sub>2</sub> para o português.

Detendo-nos à prefixação, os mecanismos da produtividade e vitalidade revelam dois problemas difíceis de resolver: a) como mensurá-los? Qual a marca quantitativa ou qualitativa para se afirmar que dado prefixo é ou não vital ou produtivo na história da língua e em uma de suas sincronias específicas?; b) é o vigor produtor e produtivo de uma partícula mórfica de margem esquerda do vocábulo um critério pertinente para a sua caracterização como radical preso, prefixo, prefixoide ou pseudoprefixo? Eis duas questões espinhosas para quem lida com a prefixação, mormente em períodos recuados da língua.

Tentemos responder (ainda que de forma provisória) logo à segunda questão. A nosso ver, em consonância com diversos estudiosos, como Borba (2003) e Alves (2000), a produtividade e vitalidade são fatores importantes para a distinção entre os possíveis constituintes morfolexicais que figuram na periferia esquerda do vocábulo mórfico, a saber: radicais presos, pseudoprefixos, prefixoide e prefixos. Discordamos, portanto, da postura adotada por Duarte (1998: 85), para quem “[...] o critério da produtividade, em suas diferentes versões, não constitui parâmetro [de identificação dos prefixos], porque é exterior ao fato linguístico, portanto, não estrutural”. Para nós, a produtividade e a vitalidade fazem parte da constituição sistêmica do idioma, sendo nele processados, e materializados no uso efetivo da língua pelos falantes. Ainda que agentes externos ao sistema influenciem e promovam o uso de uma ou outra forma linguística, somos da opinião de que fatores intralinguísticos, como as próprias RFPs e as operações de bloqueio sejam também responsáveis pela determinação da produtividade e vitalidade de dado esquema morfolexical ou de dado item mórfico. Em geral, os prefixos se mostram mais produtores na formação de famílias lexicais e de séries derivativas que as outras três categorias de formantes, que, sequencialmente, de forma geral, vão do [- produtivo] ao [+ produtivo] na geração dessas cadeias genolexicais, sendo cada uma delas mais esporádica que as outras. Assim, ordinariamente, na estruturação dessas operações em série, prefixos são mais produtivos que prefixoide, estes mais do que os pseudoprefixos, que, por sua vez, são mais produtivos que os radicais presos.

Quanto à questão exposta em a), trata-se, como se pode perceber, de uma indagação de caráter bem abstruso, pois há uma complexidade incontornável na determinação do caráter produtivo ou improdutivo de dado formante, bem como de sua gradação numa escala cujos pontos de referência seriam (i) muito produtivo, (ii) +/- produtivo, (iii) pouco produtivo e (iv) improdutivo. Se fôssemos determinar, em termos absolutos, os limites entre os marcos dessa escala, teríamos que arrolar e contabilizar a frequência da inserção do afixo em todas as palavras que circularam na língua, o que seria, como pontua Borba (2003), um trabalho insano e, na nossa opinião, praticamente inviável, senão impossível. Um expediente metodológico para tentar conjecturar e estabelecer, em termos gerais, a produtividade e a vitalidade de um componente afixal, seria, a nosso ver, uma observação panorâmica das formações em que atua — já que a apreciação quantitativa pode, sim, ser uma estratégia de análise e rastreamento da produtividade nos processos de formação de palavras (BASÍLIO & ANDRADE, 2005) — aliada a um cotejo entre as outras operações (concorrentes ou não) realizadas no conjunto dos dados perscrutados (ARONOFF, 1976).

Da observação dos esquemas prefixais registrados para o português arcaico, constata-se que os afixos mais frequentes (dotados de maior produtividade ou vitalidade) são os mais polissêmicos, geralmente entrando em funcionamento a partir de uma regra de formação de palavras (RFP) que não se apresenta fortemente condicionado pela seleção de bases lexicais. É o caso, por exemplo, dos prefixos *des-*, *en-*, *es-*, *re-* e *sub-* para formações no português medieval.

Por fim, cabe dizer que em termos de vitalidade, o paradigma prefixal da primeira sincronia do português arcaico é bem mais restrito do que o do português hodierno, não apenas pelo fato de a maioria das formações (80,76%) serem caracterizadas como palavras herdadas da matriz genolexical latina, mas, sobretudo, pela baixa produtividade (ou mesmo inexistência) de formações com outros elementos afixais da margem esquerda do vocábulo, como alguns prefixoides (como *sem-*), pseudoprefixos (como *tele-*, *auto-*) ou mesmo outros prefixos (como *ultra-*, *super-*, *extra-*, *multi-* etc).

### 3. A NATUREZA SEMÂNTICA DOS PREFIXOS NA PRIMEIRA FASE DO PORTUGUÊS ARCAICO

A fim de desenvolvermos uma análise o mais coerente possível da natureza semântica veiculada pelos prefixos, levamos em consideração o conteúdo semântico que manifestavam, observando a sua atuação na base lexical a que se adjungiu, sempre ubicado em um contexto frasal determinado, o que também influenciava a atualização dos matizes semânticos que evocavam.

Buscaremos agora, de forma sucinta, tecer um comentário geral sobre as três classes de elementos afixais de margem esquerda quanto à sua natureza semântica, a saber: (i) unidades prefixais dotadas de carga semântica detectável, ou seja inexpléticos; (ii) elementos prefixais de carga semântica opaca; e (iii) formantes prefixais expletivos, isto é, asemânticos.

Quanto aos prefixos dotados de carga semântica, ou seja, portadores de informações morfossemânticas compósitas instanciadas em contextos enunciativo-pragmáticos particulares, contentamo-nos em estabelecer um esboço de classificação semântica geral, tomando como base as categorizações estabelecidas nos estudos de Nunes (2005) e Varela & Martín García (2000).

Quanto à opacidade e expletividade semânticas, cabe fazer uma observação: ainda que sejam fenômenos que possam, a princípio, parecer idênticos, pois em ambos a partícula linguística se revela destituída de qualquer informação quanto ao significado e ao sentido, tratam-se de coisas distintas. Isso porque os expletivos mostram-se asemantizados *per se*, ou seja, desde os seus primeiros usos — na maior parte dos casos, em formações neológicas do vernáculo, sendo praticamente inexistentes em formas herdadas — não veiculavam matizes semânticos, ocorrendo, muitas vezes, pares lexicais em que uma forma apresentava o expletivo e a outra não (p.ex., *alevantar* ~ *levantar*), mas possuíam significação idêntica (não se considerando aqui as implicações de ordem sociolinguística, mas apenas as intralinguísticas). Já as unidades de sentido opaco assim se manifestam na sincronia observada por serem resultantes de um processo de esvaziamento semântico, ou seja, uma dessemantização, ocorrida no percurso evolutivo da língua, tendo como causadores as vicissitudes temporais e mecanismos intralinguísticos difíceis de precisar. O sentido do prefixo *em-* (< lat. *in-*), presente no vocábulo *emsignasse*, registrado no período arcaico da língua e que subsiste até a hodiernidade, mostra-se opaco no vernáculo, mas assim não o era em latim — ao menos em uma fase histórica mais recuada ou aproximada do momento de criação do vocábulo —, em que transmitia uma noção semântica de teor preposicional (lat. *insignāre*, por *insignire* (*in-* + *-sign(um)-* + *-ire*), ‘pôr uma marca, pôr um sinal, assinalar, distinguir’).

## Algumas considerações gerais atinentes ao fenômeno da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV)

Como diversas operações derivativas presentes no repositório lexical do vernáculo foram desenvolvidas em momentos recuados de sua formação, ou mesmo antes dela, ocorrendo na própria língua-mãe (o latim), houve algumas dessemantizações, ao lado de formas cujo sentido ainda subsiste praticamente intacto ou, quando transmudado, apenas com algumas modificações metafóricas. Sem dúvida, como divisa Borba (2003: 166), “A circulação do léxico marca-se por um jogo de opacidade e transparência semânticas, esta como meta desejada e aquela como resultado imprevisto.”.

É interessante notar que, na maioria das vezes, o sentido opaco de um prefixo está associado à sua aplicação a uma base fóssil, o que corrobora a ilação que expusemos acima da existência de um processo histórico de dessemantização. Em geral, o sentido opaco do prefixo se relaciona diretamente à opacidade semântica da base, ou seja, quando a base já não é uma forma livre na língua, ou quando, mesmo sendo a base uma forma livre, apresenta uma especialização semântica muito intensa na forma derivada, ou quando há um alto grau de generalidade semântica da base, em todos esses casos fica inviável reconstituir os sentidos que teriam em seu processo formativo os morfemas que constituem o vocábulo, já que, na grande maioria dessas ocorrências, as nuances semânticas veiculadas por esses formantes prefixais já não se deixam entrever de modo transparente.

Os prefixos e prefixoides inexpletivos detectados nos dados que reunimos não expõem um caráter uniforme quanto à veiculação dos sentidos que atualizam, pois em alguns deles a carga semântica se mostra de forma nítida, ou seja, claramente depreensível e detectável nos produtos lexicais. Isso se dá geralmente com os formantes que apresentam um caráter sêmico mais lexical, aproximado a sentidos similares aos veiculados por lexemas adverbiais ou adjetivais. É o caso dos formativos *arce-*, *circũ-*, *in-*<sub>2</sub>, *pos-*, *tra-*<sub>1</sub>, *bem-*, *contra-*<sub>1</sub> / *contra-*<sub>2</sub>, *mal-*<sub>1</sub> / *mal-*<sub>2</sub>, *nõ-*, *entr-*<sub>1</sub> / *entr-*<sub>2</sub> e *infer-*, e respectivos alomorfes, que sempre denotam alguma carga semântica mais ou menos nitidamente rastreável. Para outros prefixos, o sentido mostrou-se sempre opaco, como nas formações com *abs-*, *al-*<sub>2</sub>, *an-*<sub>1</sub> ou *apo-*. Outros prefixos, por sua vez, ora se mostram semanticamente analisáveis, com conteúdo explícito, ora com opacidade semântica, como é o caso de *ante-*, *entre-*, *per-*<sub>1</sub>, *pre-*<sub>2</sub>, *pro-*, *re-*, *sobre-*, *sub-* (e respectivos alomorfes). Há ainda os que se manifestam sob três modalidades distintas, pois ora denotam algum matiz semântico, ora os apresentam opacizados, ou ainda, em alguns produtos lexicais, não revelam nenhuma nuance semântica perceptível (nem mesmo de teor distintivo), sendo expletivos. Nesse último grupo se enquadrariam prefixos como *com-*, *de-*<sub>1</sub>, *des-*<sub>2</sub>, *en-*<sub>2</sub>, *es-*<sub>2</sub> e seus alomorfes correspondentes.

Os percentuais relativos à natureza semântica das partículas prefixais que constituíram o *corpus* empírico do estudo que realizamos podem ser observados no gráfico que segue:

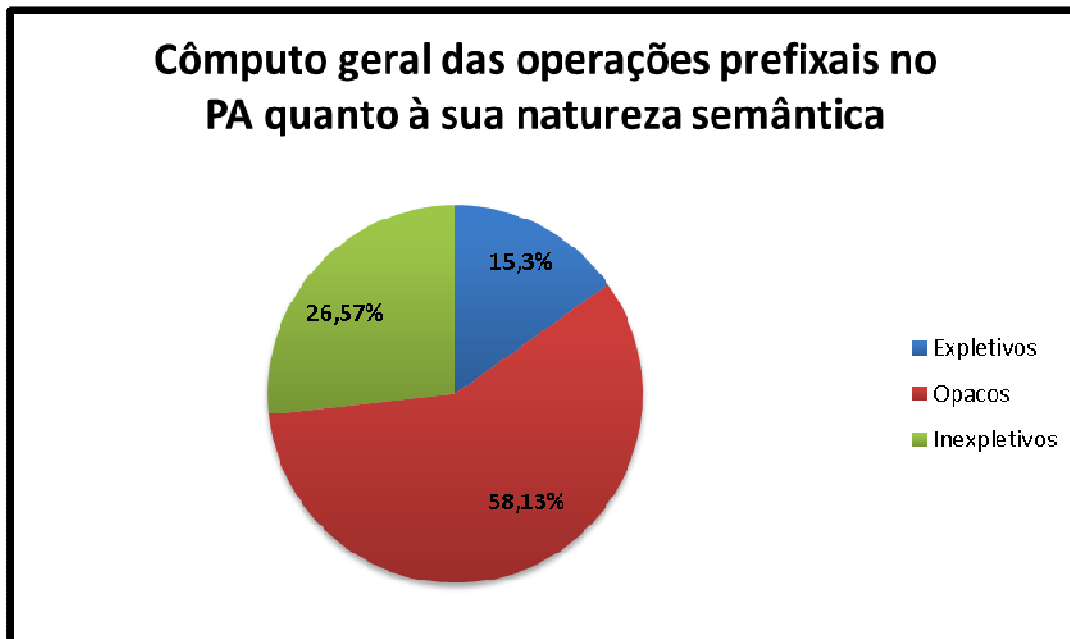


Gráfico 05. Cômputo geral das operações prefixais no português arcaico quanto à sua natureza semântica.

Pelos dados que verificamos, ficou constatado que a expletividade prefixal é algo recorrente na primeira fase do português arcaico, manifestando significativa vitalidade nessa sincronia pretérita (processa-se em 15,3% das ocorrências). Além de praticamente todos os prefixos (e respectivos alomorfes) que entram em formações parassintéticas — e que apresentam apenas um significado funcional, ou seja, a propriedade de derivar verbos a partir de formas nominais —, são também caracterizáveis como expletivos aqueles formantes que apenas entram na concatenação mórfica para “dar corpo” ao item lexical, não oferecendo à base vocabular a que se agrega qualquer nuance semântica. Daí serem também denominados de *prefixos semanticamente neutros* (BORBA, 2003) ou *prefixos com neutralidade de significado* (DOLINSKI, 1993). É o caso, e.g., dos formantes *a-*<sub>1</sub>, em *acnydar*, *afortificada* e *alampadas*; *cõ-*, em *cõcanbba*; *de-*<sub>1</sub>, em *delivrar* e *detardança*; *des-*<sub>2</sub>, em *desffallecido* e *desronperen*; *em-*<sub>1</sub>/*en-*<sub>2</sub>, em *empenhorar* e *enpuxam*; *es-*<sub>2</sub>, em *escambhana*; *tras-*, em *traspaçado* ~ *traspaçados*<sup>9</sup>.

Poder-se-ia defender que os expletivos nada mais são do que formas resultantes de um processo de esvaziamento semântico (tal como os formantes de sentido opaco), o que corroboraria indiscutivelmente a ilação de o morfema ser sempre uma partícula que agrega significação à base a que se coaduna. Contudo, isso fica posto de lado, dado que ocorrem em diversos documentos perscrutados, às vezes em um mesmo parágrafo, lexemas com e sem prefixo (*gradecer* ~ *a agradecer*; *dubar* ~ *adubar*; *guardar* ~ *aguardar*; *levantou* ~ *alevantou*; *sarrada* ~ *enserrado*; *arrepentiu* ~ *rependeu-se*; *auogado* ~ *avogada* ~ *uogado*; *defalescã* ~ *falecerán*; *emcardeceo* ~ *cardea*), mas com idêntico significado, o que comprova, para os casos observados, a expletividade desses formantes prefixais. Assim, há uma *variatio* livre entre lexemas com e sem prefixo, sem que haja qualquer diferenciação semântica entre as duas formas, o que igualmente ocorre no espanhol medieval, tal como afirma Sánchez-Prieto Borja (1992).

<sup>9</sup>Que apresentam, no *corpus*, o mesmo sentido de *passar*.

## Algumas considerações gerais atinentes ao fenômeno da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Para conhecer o passado, precisamos escavar seus restos e aprender a deles extrair sentido.” (DARNTON, 2010: 77). Incidindo sobre a língua portuguesa de antanho, foi essa a lição que logramos aprender, pois lidávamos dia após dia com a necessidade imperiosa de construir o conhecimento sobre a prefixação no português arcaico a partir dos “fósseis” linguísticos que nos era possível rastrear, o que se espelhava, por exemplo, quando tentávamos retrair o percurso etimológico e semântico que dado vocábulo prefixado trilhou na constituição histórica da língua.

A respeito da prefixação, afirmava Vasconcelos (1911-1912: 86), há cem anos, o seguinte: “Pode ser que ela [a prefixação] guarde algumas surpresas para os que a investiguem cuidadosamente.”. Indubitavelmente, foram muitas as surpresas com as quais nos deparamos a partir do desenvolvimento de nossa incursão sobre os dados do português arcaico, visando a rastrear as principais características da formação de palavras via prefixação nesse período primitivo do idioma.

O número pujante de formações herdadas do latim em comparação com uma bem menos expressiva vitalidade da prefixação no português arcaico; o cômputo considerável de formantes prefixais expletivos ou com sentido opaco; a quase nula participação de elementos afixais gregos nas derivações registradas; a reduzidíssima atuação do esquema morfológico da parassíntese *stricto sensu* na sincronia enfocada, sobretudo quando comparada à atuação da parassíntese *lato sensu*; o restrito paradigma prefixal da primeira fase do português arcaico, constituído apenas por 25 prefixos e 4 semiprefixos ou prefixoides (sem a presença de inúmeros formantes prefixais ativos no português contemporâneo); o registro da partícula *não*- já gramaticalizada sob a forma de prefixoide no séc. XIV... Todas essas constatações (e várias outras) mostraram-se como fatos interessantes para nós, após sistematizarmos as descrições e análises incidentes sobre a formação de palavras via prefixação no português medieval.

No âmbito da análise morfolexical, os aspectos históricos são em geral indispensáveis, pois oferecem dados valiosos para o esclarecimento de fatos linguísticos questionáveis ou dubitativos. Tal incursão pelo passado torna-se, então, justificada por buscar ampliar o conhecimento sobre a formação e a evolução do sistema morfológico do português no percurso labiríntico da história, embasando-se no postulado constatável de que a observação de traços pretéritos de uma língua é um instrumento profícuo para a compreensão de sua configuração no presente, podendo prestar-se a esclarecer fenômenos aparentemente abstrusos sob a luz de uma análise linguística de cunho ahistórico.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo. 2000. 594 f. Tese de Livre-Docência — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Mit Press, 1976.
- BASÍLIO, M. M. de P. Morfologia: uma entrevista com Margarida Basílio. *ReVEL*, v.7, n.12, p.01-08, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

- BASÍLIO, M. M. de P.; ANDRADE, G. Refazer não é reproduzir: a polissemia do prefixo *re-*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2005. Brasília, *Anais...* Brasília: ABRALIN, 2005. p.1231-1237.
- BORBA, F. da S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- CASTRO DA SILVA, C. C. Das propostas em torno da parassíntese: um problema de rótulo ou de conceituação? *Palimpsesto*, n.13, ano 10, p.01-16, 2011.
- CASTRO DA SILVA, C. C. Das mudanças históricas na parassíntese à luz da linguística cognitiva. *Cadernos de Letras da UFF*, n.41, p.55-70, 2010.
- COELHO, J. S. B. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2004. 2v. 575 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- DARNTON, R. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DOLINSKI, J. T. *Aspectos morfosintáticos, semânticos e estilísticos dos prefixos negativos na formação de palavras em português*. 1993. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- DUARTE, P. M. T. O prefixo segundo o critério da produtividade. *Revista de Letras*, n.20. v.01-02, p.81-85, jan./dez. 1998.
- FÁBREGAS, A.; GIL, I.; VARELA, S. ¿Existen los prefijos categorizadores en español? In: ESCANDELL VIDAL, M. V.; LEONETTI JUNGL, M.; SÁNCHEZ LÓPEZ, M. C. (Org.). *60 problemas de gramática dedicados a Ignacio Bosque*. Madrid: Akal, p.360-365, 2011.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. [Acompanhado de CD-ROM].
- LÜDI, G. Aspects énonciatifs de la neologie lexicale. In: LÜDI, G. *Recherches en pragma-semantique*. Metz: Centre d'analyse syntaxique; Faculté des Lettres et sciences humaines, 1984.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa: IN-CM, 2008. Vol.1.
- MATTOS E SILVA, R. V. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, . p.220-254, 2006.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.
- NUNES, S. M. da C.. *Prefixação espaço-temporal na língua portuguesa*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) — Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- PENA, J. Partes de la morfología: las unidades del análisis morfológico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, p. 4305-4366, 2000.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Libros, 2009. Vol.1.

## Algumas considerações gerais atinentes ao fenômeno da prefixação na primeira fase do português arcaico (séculos XII-XIV)

- RIO-TORTO, G. M. Organização de redes estruturais em morfologia. In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Org.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Universidade do Porto, p.219-235, vol.1, 2005.
- RIO-TORTO, G. M. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto, 1998.
- RIO-TORTO, G. M. Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação? In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 9., 1993. Coimbra, *Actas...* Lisboa: Faculdade de Letras, p.351-362, 1994.
- ROSA, C.; VILLALVA, A. A produtividade das regras de formação de palavras. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 3., 1987. Lisboa, *Actas...* Lisboa: APL, p.363-378, 1988.
- SÁNCHEZ-PRIETO BORJA, P. Alternancia entre el lexema con y sin prefijo en castellano medieval: el verbo. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2., 1992, Madrid. *Actas...* Madrid: Pabellón de España, p.1323-1336, vol. 01, 1992.
- VARELA, S.; MARTÍN GARCÍA, J. La prefijación. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, p.4993-5040, 2000.
- VASCONCELOS, C. M. de. *Lições de filologia portuguesa, seguidas das lições práticas de português arcaico*. Lisboa: Dinalivro, 1911-1912.
- VIARO, M. E. A produtividade dos sufixos do ponto de vista diacrônico. In: LOBO, T. et al. (Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, p.275-292, 2012.
- VIARO, M. E. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. *Estudos de lingüística galega*, n.02, p.173-190, 2010.

## SOME GENERAL CONSIDERATIONS RELATING TO THE PREFIXATION IN THE FIRST PHASES OF ARCHAIC PORTUGUESE

**Abstract:** *This paper analyzes the prefixation in the first phase of medieval Portuguese (XII, XIII and XIV centuries). Aims to emphasis a description of prefixal paradigm of Portuguese language in this preterit synchrony, focusing on an observation of the morpholexical status of prefixed words found in 92 medieval texts, as well as make some reflections on the productivity and vitality of the prefixes found and some considerations about their meaning.*

**Key-words:** *Morphology; Prefixation; Archaic Portuguese; Productivity.*